



No princípio da noite de sábado para domingo, o Director de Medicina, o reitor da Universidade Médica e o assassino Pereira, comandaram a polícia do governo fascista no assalto às instalações de Medicina, roubando e espatifando as máquinas e levando preso o nosso colega Melo.

Contrário do que é habitual, quando de idênticas operações (técnico os jornais da burguesia (O Século, Capital e Popular) apressaram-se a noticiar o facto, tentando fazer crer, com uma notícia evidentemente já preparada que se tratava de instalações clandestinas ('situadas na cave' e 'construídas clandestinamente'), de que o director nem sequer tinha conhecimento e que nelas se encontrava grande quantidade de folhetos de propaganda política e moderno equipamento tipográfico, tendo o cuidado de calientar as várias portas de ferro que as defendiam.

Toda esta campanha provocatória, cuidadosamente preparada e levada a cabo com a cumplicidade do director que mais uma vez, se mostrou à altura das suas funções (executor fiel da política da burguesia para a U. de Medicina), tem por fim justificar, perante a população, o fecho da A.E. e toda a futura repressão que se venha a fazer.

O fecho da A.E. de Medicina faz parte de um plano global da burguesia para a Universidade. Esta empenhada em levar a cabo a reforma V. Simão tem necessidade de acabar com todos os focos de discussão e agitação política existentes na universidade e a fim de integrar pacificamente os estudantes na sua política de agressão aos povos das colónias e exploração das classes trabalhadoras. Esta política é perfeitamente clara — veja-se o Técnico e a cantina, por exemplo, agora foi a vez de Medicina.

É neste sentido que é necessária uma pronta e massiva resposta de todos os estudantes de Lisboa na defesa dos seus locais de reunião e discussão política, continuando a sua luta contra a repressão fascista, contra a reforma V. Simão, denunciando-a como a reforma dos capitalistas, contra a militarização da escola, contra a guerra colonial, apoiando e divulgando as lutas da classe operária.

Foi exemplar a pronta resposta dos estudantes de Medicina ao fecho das suas instalações e à prisão do colega Melo que logo na 2ª feira, abandonou as aulas e concentrando-se massivamente na A.E., à por-

ta da sala de alunos decidiram democraticamente realizarem a sua reunião dentro desta, ultrapassando a legalidade burguesa que por meio de um simbólico selo proíbe a entrada de qualquer pessoa nas instalações estudantis, e conquistando na prática aquele local de reunião.

É efectivamente na prática que temos de conquistar o direito à livre reunião discussão e informação política e não esperar como queriam os defensores da reforma Geral e democratica que as autoridades escolares, pressionadas por conferências de imprensa etc., viessem a reconhecer oficialmente e legalizar a A.E.

É ocupando não só a sala de alunos como todas as salas do hospital que forem necessárias, realizando reuniões democraticas e defendendo a realização dessas mesmas reuniões da policia, por meio de piquetes generalizando a luta a todos os estudantes de Lisboa e informando amplamente a população é que poderemos mobilizar cada vez mais estudantes para a luta. Esta luta de denunciar e combater a reforma V. Simão como uma tentativa de adaptação às novas necessidades da economia capitalista, ao lutar contra a militarização da universidade e sua tentativa de enquadramento estudantil na criminosa guerra colonial onde como oficiais milicianos iremos enquadrar os operários e trabalhadores portugueses numa guerra de agressão aos seus irmãos das colónias que lutam como eles pela sua total emancipação, quer como técnicos na reconversão da economia portuguesa ou seja numa exploração mais requintada das classes trabalhadoras — toma um carácter necessariamente anti-capitalista colocando-se assim ao serviço dos operários e trabalhadores na sua luta por uma sociedade radicalmente diferente livre da exploração do homem pelo homem.

A nossa luta tem pois que continuar como até aqui firme e decidida.

Agrevo geral às aulas deve ser a nossa resposta à politica governamental. É necessário que durante a greve os estudantes se reunam todas as manhaas e discutam a cada momento as formas de luta a levar para a frente — realização de meetings, comícios, concentrações sessões culturais, etc. — fazendo o balanço das lutas anteriores e perspectivando as futuras.

É necessário que nessas reuniões se organize uma informação permanente a todos os estudantes de Lisboa e à população das formas e conteúdos da luta.

NOTICIA DA ÚLTIMA HORA: Hoje, 4ªfeira, os estudantes de medicina depararam ao chegar ao hospital com mais uma manobra construída pelos esbirros da burguesia: a porta da sala de alunos fechada por paredes de cimento. A R.G.A. que estava convocada iniciou-se no corredor, tendo sido imediatamente decidido pelos estdantes o derrubamento do muro levantado durante a noite e a realização da reunião na sala de alunos, mostrando ao governo que não são os selos nem os muros que os impedem de continuar a sua luta :

CONTRA A REPRRESSÃO FASCISTA, CONTRA A MILITARIZAÇÃO DA ESCOLA, CONTRA A GUERRA COLONIAL